

GT08: Antropologia da Técnica

Júlia Brussi, Rafael Devos

A 5ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como "ato tradicional eficaz" é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na relação direta ou indireta entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se perceber e habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos e seus efeitos se busca refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas mais que humanas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos em escalas e temporalidades diversas.

Articulando percepção e movimento: técnicas de navegação e manuseio em um laboratório de Astrobiologia

Autoria: Ana Paula Henrique Salvan

Um laboratório é um ambiente heterogêneo por natureza, podendo ser lido como um cenário polirrítmico composto por um emaranhado de trajetórias humanas e não humanas. Um laboratório de Astrobiologia - ciência emergente que postula a vida como um fenômeno cósmico em vez de uma exclusividade terrestre - é ainda mais, já que nele convergem diferentes projetos, interesses e formações. Navegar por seus espaços requer uma educação do corpo e da atenção, da mesma forma que o manuseio de uma miríade de frascos e recipientes (i.e., placas de Petri, tubos de ensaio, pipetas, béqueres, provetas etc.) requer um tipo de afinação dos gestos e da sensibilidade. Aqui, a etnógrafa propõe acompanhar os deslocamentos e afazeres dos pesquisadores que atuam nesse ambiente, bem como descrever os movimentos envolvidos na execução de determinadas ações, levando em conta seu encadeamento em sequências operatórias. Ações não são atos isolados. No laboratório, elas estão inseridas em um contexto, obedecem a um propósito, seguem um ritmo e podem ser enquadradas de acordo com as conexões que ensejam. Abrir, segurar, pressionar, raspar, pingar, soltar, fechar, enfileirar e até esperar tornam possíveis a realização de experimentos e o desenvolvimento de pesquisas, autorizando certos modos de relação com elementos não humanos, incluindo microrganismos e minerais, além do taskspace em si. Busca-se também analisar as posturas e os gestos adotados pelos pesquisadores em termos de prática adquirida, aprimorada com o tempo. Especialmente no que tange às habilidades manuais, será interessante analisar as variações entre pesquisadores experientes e iniciantes na execução das tarefas. Por fim, o papel do risco e sua relação com a escolha de certos procedimentos em detrimento de outros no desenrolar de um experimento também serão abordados. O relato etnográfico tecerá diálogos com François Sigaut, Tim Ingold e Bruno Latour. O objetivo é trazer as práticas e os enredamentos dos quais elas participam para primeiro plano, apresentando-as como elementos fundamentais para a condução das atividades dentro do laboratório.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

